

O PERFIL DOS FATOS. A RECEPÇÃO DE WALTER BENJAMIN E A INTELECTUALIDADE BRASILEIRA

Abstract

Theory and criticism literary define not only a influence between authors ou configuration tematics our stilistic currentes. Important is a question of complex identity between public and historical identity. This paper present a balance of the ivestigation about the Reception of Walter Benjamin, who focus on the process of lecture of his work in Brazil since 1960.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Theory of Reception

Considerações básicas sobre a recepção da obra de um autor europeu num continente diferente e transmitida particularmente através da tradução

A obra do crítico literário, filósofo e escritor Walter Benjamin encontrou seu caminho para o leitor atual, caminho esse interrompido e fragmentado. Os seus escritos publicados na vida abrangem muitos campos diferentes (ciência da literatura e da arte, resenhas e peças radiofônicas e prosa), os quais foram completados com obras póstumas, p.e. sobre a filosofia da história e sobre a teoria literária. A recepção dos textos benjaminianos no Brasil é historicamente constatável, mas a aplicação de um modelo teórico ou estético da recepção, p.e., o da Escola de Constança (Konstanz/Alemanha), não é possível pela

complexidade da obra e do processo receptível. Porque a obra caracteriza-se pela diversidade temática, pela publicação escolhida e direcionada por Theodor W. Adorno e, depois, pelos organizadores dos “Escritos Colecionados” (*Gesammelte Schriften*)¹ e, no final, pela leitura em diferentes línguas (francês, alemão, inglês, italiano, espanhol e português). A recepção no Brasil – como a recepção de todos os pensadores europeus e modernos – pode ser caracterizada pela tentativa de ligar-se à história tradicional e contemporânea das ciências e de formar uma própria história da ciência. Essa recepção é, pensando em nosso autor, uma surpresa tanto na extensão quanto na intensidade. Benjamin é um dos poucos autores desse século que conseguiu atravessar as ondas de modas numa ascensão por quatro décadas.

O *focus* da nossa abordagem da obra benjaminiana considera uma história da recepção com os mesmos pontos centrais da recepção no contexto internacional²: contemporaneidade e características temáticas influenciadas pela publicação direcionada e atrasada, mas distingue uma recepção essencialmente diferente pelo componente cultural e lingüístico. A recepção está dentro de um espaço específico da cultura, da tradição histórica e científica e, inicialmente, articulada por um tipo intelectual particular, o diplomata, e por críticos literários, os quais percebem eajuízam o desenvolvimento das idéias com a perspectiva do “terceiro mundo” e, por isso, a recepção possui características específicas e marcantes. Uma das questões importantes é o fato da tradução, não entendida como crítica da tradução a respeito da fide-

¹ *Gesammelte Schriften*. Cf. a declaração dos organizadores dos *Gesammelte Schriften*, Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, no “Relatório editorial” (Editorischer Bericht, *GS I*, pp. 749-796): “A edição, depois dez anos de planejamento e preparação, os primeiros volumes já publicados, chama-se ‘Escritos Colecionados’. Ela é uma edição crítica-histórica. O objetivo proposto pelos organizadores e os limites objetivos da edição encontram-se na terminologia: determinam o carácter dos ‘Escritos Colecionados’ sobre o que nos deram justificativas” (p. 752). Cf. a crítica de Klaus Garber (*Zum Bilde Walter Benjamins*, 1992, pp. 67-91) a respeito da edição da editora Suhrkamp, em vez de publicar uma edição “Obras Reunidas” optou para uma edição fragmentada; cf. também Helmut Salzinger (*Swinging Benjamin*, 1973/1990, pp. 38-57).

² Winfried Menninghaus numa palestra na Universidade de São Paulo, no dia 9 de junho 1994, falou sobre a história e o desenvolvimento da Germanística e constatou a respeito da recepção de Benjamin na Alemanha e no contexto internacional existem vários “Benjamins”, os quais realizam-se entre 5 a 8 anos. Isso verifica-se também no Brasil; é um fenômeno da recepção internacional.

lidade ao original ou uma “concretização adequada” do texto original, mas compreendida pela necessidade fundamental de participar do debate internacional. O “primeiro mundo” é considerado a fonte do conhecimento e o intelectual busca nele os subsídios necessários para ampliar o seu próprio desenvolvimento.

A pesquisa da recepção, segundo Hannelore Link (1976) num estudo fundamental, enfoca duas questões principais: a) a compreensão do texto pelo leitor, quer dizer, em que são percebidas as condições da sua própria compreensão e, b) a compreensão adequada do texto, em que se constata as condições da compreensão do texto *eo ipso*, em si. A teoria da recepção em geral é voltada para a compreensão do texto. O objeto (a obra, o livro, o artigo, etc.) é investigável nas suas condições genéricas, seu desenvolvimento e sua expressão – na sua dependência interpretativa do ponto de vista teórico e ideológico do autor e do intérprete. O leitor, receptor como sujeito, tanto como consciente nas suas “condições da possibilidade da consciência” (no sentido fenomenológico e da filosofia transcendental), quanto nas suas condições individuais como sujeito empírico (educação, formação e espaço cultural) é menos sondável. A recepção própria só pode ser aproximadamente definida e conceitualizada numa rede dialética, por que num objeto há inumeráveis leitores e inumeráveis situações históricas e científicas. Nosso caso delimita o receptor como leitor ativo e crítico que traduz ou escreve diretamente sobre Benjamin e o leitor, crítico literário, que aplica palavras-chave de Benjamin aos assuntos diferentes.

Um comentário abrangente desses trabalhos pretende contribuir para uma compreensão do leitor, ou em outras palavras, o estudo pretende mostrar e visibilizar o espaço cultural e intelectual do receptor e da respectiva situação histórica na qual o receptor se encontra entre outros com suas características, particularidades e, também, suas semelhanças a respeito da recepção internacional de Benjamin. Isso significa que não há um modelo padrão da recepção, somente o estudo fornece os pressupostos para uma teorização na apresentação dos textos³. Esse procedimento permite perceber e observar os pontos centrais da obra de Benjamin, os quais influenciam e marcam o debate no Brasil. A relação entre a estrutura do texto (no caso de Benjamin encontramos uma série de textos diferentes no estilo, na temática e na intenção) e o receptor recebe uma atenção especial. Uma “compreensão adequada” do original está reflexiva e criticamente indagável nessa rede de tensão.

O presente estudo da história da recepção interliga os documentos da recepção dos anos 1960 a 2000 entre si e o contexto. Seguir a leitura da obra benjaminiana e o itinerário do debate como questionar a sua função histórica e social é investigar a significação científica no seu contexto internacional. O papel epistemológico da análise da recepção surge do processo dialético: não se trata de “aplicar critérios aos textos, mas deixar comunicar entre si, também desembarcar as próprias valorizações [...] e, no caso, modificá-las” (Kleinknecht: 17).

Benjamin insistiu numa “autonomia e auto-genidade da recepção”, constata Klaus Garber (1994: 12) na apresentação e desenvolvimento do embasamento teórico da recepção na obra de Benjamin. Benjamin defende a obra de arte e a interpretação contra a expectativa, o interesse e a competência do receptor com o argumento do “principal inacabado da forma estética”; sua complementaridade necessita da crítica, a qual se prepara pela pré-história (p.e. suas condições da produção material) e particularmente pela pós-história da obra. A história da recepção não é como se entende várias vezes: uma coleção interessante das valorizações históricas; ela é um “negócio genuinamente crítico” (Garber, 1994: 122).

As Fases da Recepção

Desde os anos 60, a obra de Walter Benjamin acompanha e conduz de certo modo os debates intelectuais, os quais analisam e interpretam a realidade brasileira, e desta forma, participam do debate internacional (história das idéias); os debates deslocam-se em sua conduta para longe do próprio país, considerando-o subdesenvolvido, atrasado econômica e cientificamente. Mas tudo isso é ideologia ou, como Benjamin diria: fantasmagoria. Carlos Guilherme Mota dedica-se a esta questão pela forma de ensaio, “rediscutir algumas matrizes de formas de pensamento no Brasil, em angulação que se pretende histórica” (1994: 19)⁴, para poder dar conta da questão de descontinuidades desse processo. No quadro maior, a questão da identidade do intelectual latino-americano, na sua especificidade do irmão menor do *american*, lá do norte, não fica aproximadamente resolvida nem abertamente discutida. A particularidade dessa situação, que recebeu sua reflexão consciente no nível da aceitação internacional na década de 90 (crítica pós-colonial), expressa-se ainda pelo deses- pero da leitura de textos internacionais e pela auto-estigmatização do atraso que Renato Ortiz (1994: 184) detecta bem no início da cultura brasileira

³ Uma ciência da literatura norteada fenomenologicamente que busca o sentido do texto ou a intenção do autor não se encerra aqui tanto quanto uma reflexão sobre a compreensão hermenêutica *strictu senso*. O objetivo desse estudo entendemos melhor e previamente com o conceito da “concretização adequada e sintética”, pensando nos trabalhos de Roman Ingarden e Jan Mukarovsky (cf. H.Link, op. cit. p. 121s, pp. 142-145, 159-162).

⁴ A preocupação de Mota é encontrar uma forma de discurso científico que “não despreza essa problemática, que é fascinante, o que se pretende é redimensionar a noção de produção cultural, reinstaurando o conceito de *processo* ideológico, menos atentos às descontinuidades – tema que tanto absorveu os analistas, estruturalistas sobretudo, no último lustro – que às continuidades” (op. cit. p. 19s).

moderna: “Quando no final do século passado Sílvio Romero procurava compreender o ‘atraso do povo brasileiro’, de uma certa forma ele estava inaugurando toda uma corrente de pensamento que buscava entender a questão da identidade nacional na sua alteridade com o exterior”.

Mas no caso da recepção do ensaio “A Arte na Época da sua Reprodutibilidade Técnica” (1936; traduzido para o português em 1968) podemos constatar uma das particularidades do processo da recepção, porque o texto foi discutido até mesmo antes do que na Europa. Esse e os demais ensaios de Benjamin influenciaram nos próximos anos a discussão teórica em todas as áreas das ciências humanas e o debate público. O conceito da “Modernidade”, inseparável do ensaio sobre Baudelaire, foi relevante na filosofia, nas ciências humanas, na geografia humana e em todas as áreas afins. Assim “O Narrador” e o conceito da alegoria na teoria literária; “A Obra de Arte na Época da sua Reprodutibilidade Técnica” continua como leitura clássica na comunicação social; a “história dos vencidos” e as palavras-chave das *Teses* “Sobre o Conceito da História” fazem parte da ciência da história, tanto como a “fisiognomia da metrópole moderna” (Bolte, 1994) é estudada na área de arquitetura/urbanização e na literatura; o conceito da “experiência” é muito debatido na área da filosofia, e “A Tarefa do Tradutor” é um dos textos básicos da teoria da tradução/transcrição do poeta e crítico literário H.de Campos.

Seria fácil distinguir as fases da recepção em décadas: a década de 60, de 70, etc. Mas a investigação da história da recepção de Benjamin, no Brasil, mostra e comprova diferenciações discordantes desse rumo, as quais são caracterizadas pelas publicações e pelos debates de determinados textos e palavras-chave de Benjamin em dependência da discussão internacional (de cunho marxista; atenção à Modernidade, etc.) e dos acontecimentos políticos-culturais (movimento estudantil; nova esquerda, fase da redemocratização do país, etc.). Na introdução do estudo sobre as fases entre 1933 e 1974, Mota (1994: 26) mostra essa dificuldade da historiografia – “a história da Historiografia geralmente é considerada o mais difícil dos gêneros [na] comunidade dos historiadores”⁵ – e sua preocupação com a periodização para não perder no relato cronológico a complexidade da realidade histórica.

Para nosso contexto da recepção de Benjamin, constato “momentos decisivos” em quatro fases: 1960-74; 75-84; 85-90 e 91 a 2000;

e quatro características:

um texto de Benjamin está inserido num debate da estética marxista (“A Obra de Arte na Época da sua Reprodutibilidade Técnica”); Benjamin como teórico da modernidade (Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo, 1937-38), a teoria da história (“Sobre o Conceito da História”, 1940, e a Obra das Passagens, 1934-1940) e um desdobramento filológico-acadêmico sobre a obra de Benjamin em geral (publicação da teste de doutorado de Benjamin, O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão (1920) em 1993);

e quatro aspectos na recepção:

a leitura de Benjamin dentro da história das idéias, os temas benjaminianos, a análise da obra e a emancipação acadêmica de participar explicitamente da filologia internacional sobre a obra de um dois mais instigantes pensadores do século XX.

A tríade hermenêutica – compreender, interpretar e aplicar modificou-se nessas quatro décadas numa “tríade especial” (Wierlacher) — ler, aplicar e analisar filologicamente.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. I.: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet; Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense 1987 (3ª ed.; 1ª ed. 1985).
- _____. *Obras Escolhidas*. Vol. II: *Riua de Mão Única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense 1987.
- _____. *Obras Escolhidas*. Vol. III: *Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense 1989.
- BOLTE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: EDUSP/FAPESP 1994.1994
- GARBER, Klaus. *Rezeption und Rettung, Drei Studien zu Walter Benjamin*, Tübingen: Niemeyer 1987

⁵ Ele distingue – na forma já famosa – “cinco momentos decisivos” (p. 27): 1) Redescobrimto do Brasil (1933-1937); 2) Primeiros frutos da Universidade (1948-1951); 3) Era de ampliação e revisão reformista (1957-1964); 4) Revisões radicais (1964-1969) e 5) Impasses da dependência (1969-1974). O que José Guilherme Merquior diz sobre os estilos de época vale para toda abordagem historiográfica: “A natureza dos estilos de época é, com efeito, tão cheia de prismas, tão multifacetada e tão rebelde às definições unívocas, que é grande a tentação de considerar esses conceitos historiográficos como simples rótulos ‘práticos’, completamente distituídos de real valor cognitivo [...] Sendo categorias históricas [...] são esquemas heurísticos, meios de pesquisa, e não ‘fotografias’ da infinita polivalência do processo histórico”. Merquior propõe, apoiando-se em Max Weber e Arnold Hauser, conceitos que descrevem o “típico, não geral” (“Os Estilos históricos na Literatura Ocidental”).

(Studien und Texte zur Sozialgeschichte der Literatur, Vol.22).

KLEINKNECHT, Karl T. (org.). *Heine in Deutschland. Dokumente seiner Rezeption 1834-1956*. München: DTV/Tübingen: Niemeyer 1976.

LINK, Hannelore. *Rezeptionsforschung. Eine Einführung in Methoden und Probleme*. Stuttgart: Kohlhammer 1976 (Urban TB, 80).

MERQUIOR, José Guilherme. "Os Estilos Históricos na Literatura Ocidental" in: Eduardo Portella (org.), *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1979 (3.ed.; 1ª ed. 1975; Biblioteca Tempo Universitário, N° 42), pp. 40-92.

PRESSLER, Benjamin, *Brasil. Die Walter Benjamin-Rezeption in Brasilien (1960-1990)*. São Paulo: FFLCH/USP 1995 (mimeografado).

_____. "O Sonho toma parte da História. Sobre a Recepção de Walter Benjamin no Brasil (1960 até hoje)". In: *Cadernos de Filosofia e Ciências* (Belo Horizonte) N° 9/1997, pp. 94-102.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*. São Paulo: Ática 1994 (8ª ed.; 1ª ed. 1978).

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira. Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense 1994 (5ª ed; 1ª ed. 1988), p. 184.